

Negros no futebol brasileiro: olhares e experiências de três dirigentes brancos

MARCEL DIEGO TONINI*

Ao longo da primeira metade do século XX, o futebol mostrou-se como um dos poucos espaços abertos na sociedade brasileira à entrada de negros e pobres. Desde pelo menos o livro clássico de Mario Filho (2003), “O negro no futebol brasileiro”, publicado pela primeira vez em 1947, sabe-se, contudo, que este não foi um processo linear, sem contradições ou mesmo sem conflitos sociais, algo que foi corroborado recentemente por pesquisadores como Caldas (1990), Pereira (2000) e tantos outros. De todo modo, este esporte abriu-se aos negros e pobres como um campo privilegiado de atuação enquanto jogadores, possibilitando-lhes a ascensão econômica.

A grande maioria dos estudos acerca dos negros no futebol brasileiro abrange o período que vai da introdução deste esporte no Brasil, em fins do século XIX, às primeiras conquistas nacionais em Copas do Mundo, até 1970. Tomando por base os acontecimentos nesse longo intervalo de tempo, a análise geralmente empreendida é que houve um processo de democratização, sobretudo se considerarmos a origem elitista do nosso futebol – fase em que havia uma discriminação social e racial explícita até nos estatutos das ligas –, passarmos pelas discussões que culminaram na profissionalização do futebol e pela provação da derrota da seleção brasileira em 1950, e chegarmos aos títulos brasileiros em mundiais, quando o esporte nacional já contava com a presença de vários negros. Nas palavras de Gordon Júnior (1995: 76, grifos do autor), o tricampeonato mundial em 1970 “é o coroamento do processo descrito por Mário como *a revanche do preto*.”. Em outro artigo, o mesmo autor escreve:

Deste modo, com a conquista do tricampeonato, - iniciando nos pés de um garoto negro de 17 anos, em 1958, passando por um mulato caipira de pernas tortas em 1962, finalmente chegando ao futebol arte comandado por um Pelé maduro em 70 –, as acusações de 20 anos atrás perderam a consistência. O negro, o mulato, o mestiço tinham vencido no futebol. E o símbolo máximo dessa vitória era Pelé, que no Brasil passou a ser “o” preto. (GORDON JÚNIOR, 1996: 75, grifo do autor).

* Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo, tendo sido bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Membro do Núcleo de Estudos em História Oral e do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol, ambos vinculados à mesma universidade.

“[D]efinitivamente unguido como rei do futebol” (FRANCO JÚNIOR, 2007: 143), Pelé é tido como a imagem exemplar da transformação pela qual passou o ludopédio neste país, sobretudo se se contrapor à de Friedenrich, nosso primeiro ídolo neste esporte, que fora filho de alemão com uma negra e tentara disfarçar a sua origem étnica.

Nota-se que essa visão democrático-racial sobre o futebol brasileiro é reproduzida constantemente não só em livros, mas, também, em arquivos e museus. Basta ver, por exemplo, as exposições do Arquivo do Estado de São Paulo (http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_futebol/index.php), do Museu Afro Brasil (“De Arthur Friedenreich a Edson Arantes do Nascimento: o negro no futebol brasileiro”) e, principalmente, a sequência das salas do Museu do Futebol (As origens, Os heróis, Rito de passagem, Copas do Mundo e Pelé e Garrincha). A impressão que se tem é que, após o caminho percorrido, não há mais racismo no futebol brasileiro, devidamente derrotado em 1970 e esquecido a partir dessa data mágica. Particularmente, vejo como um elogio à democracia racial, uma homenagem ao Mario Filho e uma reprodução idílica da história do nosso futebol.

De modo geral, o olhar é voltado para o processo de integração de jogadores negros na seleção brasileira e nos principais clubes do Rio de Janeiro e São Paulo. Com exceção feita a alguns trabalhos, como o de Jesus (1999), são desconsideradas as acontecimentos de outros centros futebolísticos do país – Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Pernambuco por exemplo. Os autores, em sua maioria, raramente avaliam criticamente espaços outros de atuação profissional no universo do futebol brasileiro que não o de atleta, tais como: comissão técnica, direção de clubes e federações, arbitragem e jornalismo esportivo. Além disso, poucos são os estudos que se utilizam dos relatos orais dos próprios atores desse meio como fonte de pesquisa.

Na tentativa de preencher tais lacunas, desenvolvi o meu projeto de mestrado que resultou na dissertação recentemente defendida – em fevereiro último – sob o título “Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)”. O texto que ora apresento tem por objetivo dar continuidade a essa investigação que propôs uma discussão da questão racial no futebol brasileiro atual a partir narrativas pessoais de alguns profissionais que nele atuaram dentro do período citado, abrangendo sete redes de colaboradores: jogadores, treinadores, árbitros, dirigentes, torcedores,

jornalistas e intelectuais. Neste trabalho, contudo, chamarei a atenção para as visões e experiências dos três dirigentes brancos entrevistados: Sérgio Grillo (E. C. Juventude), Luiz Onofre Meira (Grêmio F. B. P. A.) e Benecy Queiroz (Cruzeiro E. C.).

Antes de apresentá-los, faz-se necessário explicitar minimamente os procedimentos metodológicos utilizados. A primeira consideração a ser feita é com relação ao gênero de história oral adotado. A opção pela história oral de vida mostrou-se acertada, já que buscamos registrar narrativas de experiência pessoal, as quais constituíram o *corpus* documental central da pesquisa. Valorizamos, portanto, o protagonismo e a memória do indivíduo e, com isso, esclarecemos o interesse especial pela subjetividade contida nas narrativas. Isso implica, evidentemente, numa postura ao oralista na condução das entrevistas: ao invés do uso de um questionário, com perguntas sequenciais, objetivas e diretas, sugere-se que ele faça apenas estímulos, ou seja, pequenas interferências que incitem o narrador a falar de um determinado assunto (por exemplo: infância, entrada e atuação no universo do futebol, racismo etc.). Dá-se, dessa maneira, ampla liberdade aos colaboradores para narrarem as suas histórias de vida, cada um ao seu modo. Ainda assim, a história oral de vida deve contemplar alguns aspectos gerais do comportamento social dos colaboradores, tais como: sociais, culturais, econômicos, políticos e religiosos. Antes do início das entrevistas, porém, cabe esclarecer aos colaboradores o projeto, a importância da sua participação, quem os recomendou, alguns dos procedimentos adotados e os destinos das gravações. Ademais, deve-se evidentemente ter o conhecimento prévio da história das pessoas a serem entrevistadas, preparar o material e a pauta para a entrevista, e definir local e tempo de duração da mesma.

Consumadas as entrevistas, vem o momento da transformação do oral para o escrito, que, na linha de história oral do NEHO (Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo), do qual faço parte, segue rigorosamente as etapas da transcrição, da textualização e da transcrição. O objetivo final é a elaboração de um texto claro, expressivo e fluente, no qual se incorpora o dito, o não dito e, se possível, a performance do colaborador. Sobretudo, nesse momento, o caderno de campo, utilizado desde os primeiros contatos com cada um dos entrevistados, mostra o seu papel no conjunto das técnicas adotadas para o registro dos dados das entrevistas e das impressões do oralista. Sendo a ética um dos pressupostos da história oral, as etapas da

conferência do texto estabelecido e da autorização para o seu uso são fundamentais dentro de todo o processo. A entrega da cópia das histórias de vida aos colaboradores é um compromisso assumido com eles e o primeiro passo na tentativa de uma devolução pública da pesquisa desenvolvida.

Se a nossa comunidade de destino era composta por negros, por que então entrevistar alguns brancos que atuaram e atuam no universo do futebol brasileiro, entre 1970 e 2010? A ideia era justamente explorar a(s) memória(s) que eles lembram e constroem acerca dos negros nesse esporte, tendo como pergunta de corte: “Como você enxerga o negro no futebol brasileiro?”. Através disso, pudemos confrontá-la(s) com a(s) dos próprios negros e perceber algumas disputas de memórias, pensamentos e espaços de atuação nesse meio profissional. Era de se esperar que as representações ideológicas sobre os negros e, por conseguinte, os preconceitos aparecessem nessas entrevistas. Ainda mais, quando os estimulava com perguntas como: “Como você enxerga o racismo no futebol brasileiro?” e “Como você analisa o fato de haver pouquíssimos negros em funções outras no futebol que não a de jogador?”. Percebe-se, assim, que, embora não tenhamos adotado um questionário, poucas mas precisas perguntas, próprias do gênero história oral temática, se tornavam necessárias de serem feitas nesses encontros. Da mesma forma que nas entrevistas com negros, busquei registrar as suas experiências, pontos de vista e trajetória, privilegiando os aspectos subjetivos. Afinal, é nisso que consiste a riqueza da história oral.

Os colaboradores e as entrevistas

A partir desta apresentação, espero ter fornecido ao leitor um panorama teórico e metodológico capaz de auxiliar o seu entendimento quanto à condução da pesquisa e das entrevistas. Agora, faço breves considerações sobre as circunstâncias de cada uma das entrevistas realizadas com os três dirigentes brancos, Sérgio Grillo, Luiz Onofre Meira e Benecy Queiroz, cujos trechos das narrativas são objeto de estudo desse texto. Para tanto, lançarei mão de algumas notas pessoais contidas no caderno de campo.

Desde antes da elaboração do projeto de mestrado, inquietava-me, como torcedor e amante do futebol, a recorrência de casos de discriminação racial ocorridos na cidade de Caxias do Sul (RS) e que envolviam especificamente o Esporte Clube

Juventude.¹ Sobretudo na última década, alguns deles tiveram repercussão nacional e foram resultados de ações de seus torcedores e, em uma das ocorrências, até mesmo de um dos seus jogadores. Durante a pesquisa, ao menos dois novos casos aconteceram, e, em vista disso, decidi solicitar oficialmente uma entrevista com um dos dirigentes do clube via secretaria da presidência. Não demorou muito para o próprio Juventude demonstrar interesse na concessão da entrevista, indicando o então vice-presidente administrativo e financeiro Sérgio Grillo, uma vez que o seu presidente junto com outros diretores acompanhariam o time de futebol na disputa contra o Paraná Clube, partida marcada para o dia 15 de setembro de 2009 na cidade de Curitiba.

No dia seguinte ao jogo, uma quarta-feira, saí de Porto Alegre pela manhã e viajei até Caxias do Sul, onde, na sede do Juventude, estava marcado o encontro às 10h30min. Atendendo-me pontualmente na sala de reuniões, Sérgio Grillo foi muito cordial e solícito. Por mais de uma hora, narrou sobre suas origens familiares, profissão exercida fora do futebol, trajetória no clube e, evidentemente, acerca do negro e do racismo dentro desse esporte. Ainda durante a entrevista, ficou nítida a mensagem que o clube queria transmitir através da repetição *ad nauseam* do projeto CFAC (Centro de Formação de Atletas e Cidadãos):

Uma marca de um clube que quer formar não só o atleta, mas o cidadão. Não deixe de fazer constar isso no seu trabalho: nós temos o Centro de Formação de Atletas e Cidadãos. E Cidadãos! O atleta tem que sair daqui com o selo de garantia! Garantia de qualidade, que é a boa formação. Não basta ser um bom jogador, tem que ser uma pessoa do bem. Certo? Um cidadão que vai multiplicar essas ideias no seu meio socioeconômico. Assim, ele se inclui na sociedade de uma forma importante.

Demonstrar preocupação com a formação de cidadãos, para além da de atletas, revelaria um lado social desempenhado pelo Juventude, com grande contribuição para a sociedade sul caxiense. Seria como se isso fosse uma compensação pelos atos de discriminação racial cometidos pelos seus jogadores e principalmente torcedores. É certamente uma contramedida que visa não só melhorar a imagem do clube como distanciar a relação que se estabeleceu entre a agremiação e o racismo. Essa intenção do

¹ Casos de racismo veiculados pela imprensa (agredido, clube do agredido, agressor, data): Tinga, Internacional, torcedores do Juventude, 22 out. 2005; Jeovânio, Grêmio, jogador Antônio Carlos, do Juventude, 05 mar. 2006; Júlio César, Juventude, torcedores do Juventude, 05 ago. 2007; Felipe, Corinthians, torcedores do Juventude, 12 nov. 2008.

Juventude, através do discurso de seu vice-presidente administrativo e financeiro, tornou-se registrada quando, em resposta ao meu e-mail de agradecimento pela realização da entrevista, foi escrito: “[...] é o nosso JU que agradece a sua visita e a oportunidade de colaborar com o seu projeto e esclarecer situações inerentes a discriminação racial que também não compactuamos e combatemos.”. Sob a sua ótica, ele, mais do que “relatar”, pode “comprovar, como o nosso JU abomina atitudes e comportamentos racistas!”. O texto final resultante da entrevista foi conferido e autorizado por ele para publicação, sem quaisquer alterações, no dia 20 de outubro de 2010.

Conhecido como o último grande clube brasileiro a aceitar jogadores negros em seus quadros de futebol – a partir do atacante Tesourinha em 1952 –, o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense também tinha uma história que me instigava a realizar uma entrevista com algum de seus aficionados, fossem eles torcedores ou dirigentes. Incentivado pelo jornalista Juca Kfoury, não consegui por duas vezes entrevistar algum torcedor da torcida Geral do Grêmio, tida como a precursora no Brasil dos movimentos barra brava, típicos da América do Sul. Em seguida ao episódio de discriminação racial envolvendo os jogadores Maxi López (branco, argentino, do Grêmio) e Elicarlos (negro, brasileiro, do Cruzeiro), cogitei entrevistar dirigentes de ambos os clubes, registrando, pois, as versões de cada lado. Como havia acompanhado o noticiário pela mídia, tinha algumas sugestões de nome: pelo Grêmio, Duda Kroeff (então presidente), André Krieger (então diretor de futebol) e Luiz Onofre Meira (então vice-diretor de futebol); pelo Cruzeiro, Eduardo Maluf (então diretor de futebol) e Benecy Queiroz (supervisor de futebol). Todos eles manifestaram suas opiniões via imprensa sobre o caso.

Ao explicar a minha pesquisa para a secretária do departamento de futebol do Grêmio, ela sugeriu que, dentre os três, contatasse o Luiz Onofre Meira. Na nossa primeira conversa por telefone, reagiu com estranheza: “Este teu tema é complicado, hein!? Nós somos todos brancos, negros e amarelos. Por que os negros?”, indagou-me. Talvez por receio de ele e do Grêmio serem tachados de racista, negou-se conceder a entrevista num primeiro momento. Somente após quase dois meses de negociação, agendamos um encontro para o dia 31 de outubro de 2009 na cidade de São Paulo, quando o Grêmio viria para enfrentar o Santo André em partida válida pelo Campeonato Brasileiro.

Assistido pelo assessor de imprensa do clube, finalmente encontrei-me pessoalmente com o colaborador no bar do luxuosíssimo Hotel Hilton Morumbi, com pouco mais de uma hora de atraso. Embora fosse educado durante toda a entrevista, Luiz Onofre Meira aparentava desconforto ao abordar a questão racial e mostrava ser muito cuidadoso com as palavras. Comedido no seu relato, ele pouco divagou com os estímulos que fazia, esperando novas “perguntas”. Em decorrência disso, a entrevista com ele foi a menor de toda a pesquisa, durando apenas 35 minutos. O texto transcrito foi conferido por ele e autorizado para publicação em 16 de junho de 2010.

Ao contrário do Grêmio, o contato com a diretoria do Cruzeiro Esporte Clube foi muito mais fácil. Logo no segundo telefonema, falei diretamente com o Eduardo Maluf, que indicou entrevistar o supervisor Benecy Queiroz que acompanharia o clube na partida contra o Grêmio Barueri. Somente dois dias depois, em 25 de setembro de 2009, encontramos-nos no estádio Arena Barueri e realizamos a entrevista no saguão dos vestiários por volta das 10h30min. Ao longo de 55 minutos, ele narrou com desenvoltura e abordou com tranquilidade os temas mais polêmicos. Diferentemente dos outros dois, Benecy Queiroz usava um agasalho do clube ao invés de terno e camisa social.

A seguir, destaco alguns temas recorrentes nas narrativas com esses três dirigentes brancos entrevistados, a saber: origens e vínculo com o clube, negros no futebol brasileiro e racismo no futebol brasileiro.

Origens e vínculo com o clube

Em qualquer trabalho de história oral de vida, é fundamental conhecer, ainda que minimamente, as origens familiares e as condições sociais e econômicas dos entrevistados. Foi com esse intuito que, depois de esclarecer a importância de os meus colaboradores abordarem esses e outros aspectos da sua vida, os deixei à vontade para iniciarem a narração. O resultado não poderia ser mais inquietante, sobretudo por eles, que são brancos, saberem que se tratava de uma pesquisa sobre a questão racial no futebol brasileiro atual e terem de tocar, de alguma maneira, nesse assunto tão espinhoso para os brasileiros. Vejamos como Sérgio Grillo se apresenta:

Eu sou filho da terra, nasci em Caxias do Sul mesmo. Sou de 21 de abril de 1944. Tenho, portanto, 65 anos. Os meus antepassados, meus bisavós, vieram da Itália, da região do Vêneto, constituíram família e se desenvolveram aqui

na nossa região... Profissionalmente falando, as nossas vidas têm origem na indústria. Nós temos uma empresa de autopeças, a Autotravi Borrachas, que é composta por duas famílias majoritárias. Eu represento uma delas. Temos também uma empresa de distribuição, chamada Macrosul. Ela distribui fixadores, ou seja, todos os parafusos que você imaginar da forma mais ampla e completa possível em território nacional. Inclusive, agora, temos inserção no mercado latino-americano e estamos exportando. Além disso, temos uma fábrica de abraçadeiras, que são aquelas pecinhas de metal que a gente aperta pra fixar a mangueira no bico da torneira. Sabe? Onde tem uma mangueira, tem uma abraçadeira! Então, nós estamos nesse mercado também. O nome da empresa é Metalmatrix... Em função disso, estamos organizando uma nova empresa para fabricarmos mangueiras.

Como se pode perceber, Sérgio Grillo é um morador típico de Caxias do Sul: descendente de italianos. Além de ter tido uma infância privilegiada, foi incentivado pelos pais a se formar nos estudos e herdou a indústria da família. Empresário sagaz, mostra-se como um bom empreendedor, ampliando os negócios e entrando em novos mercados. Pouco depois, relata a sua tradição dentro do Juventude e a maneira como ele e outros dirigentes ajudaram a implantar uma visão “empresarial” no clube:

Faz vinte e cinco anos que sou conselheiro do Juventude. Sempre ajudei o clube de uma forma ou de outra. Anteriormente, as entidades como um todo tinham um tipo de gestão mais amadorista, ou seja, os dirigentes vinham aqui pro clube somente no final do dia. Aí, é que eles faziam o rescaldo do que aconteceu durante o dia e viam o que podiam fazer pela entidade. Na verdade, podiam fazer pouco. Nós sabemos que não é assim que se dirige uma empresa.

Saber das suas condições sociais e da sua atuação profissional fora do futebol é indispensável para entender por que Grillo valoriza tanto a parceria que o Juventude fechou com a Parmalat na década de 1980 e por que trata o clube como uma “empresa”, o CFAC (Centro de Formação de Atletas e Cidadãos) como uma “fábrica de jogadores” e os próprios atletas como um “produto”, uma “matéria prima”.

Seguindo a sua narrativa, o dirigente do Juventude voltou a falar dos seus familiares ascendentes: “O meu próprio bisavô, por parte de mãe, não passaria por branquela. Por isso que eu tenho também a tez... morena, além do cabelo escuro... Apesar de que, com os anos, já branqueou.”. É difícil saber qual ao certo é a sua intenção ao fazer este tipo de afirmação. Em todo caso, podemos supor que,

“desbranqueando” as suas origens, ele não só se mostraria solidário à causa negra como se preveniria de ser tachado de “racista” por qualquer pessoa que viesse a ler a sua narrativa.

Como se sabe, a classificação racial no Brasil é baseada tanto em um cientificismo biológico quanto em características fenotípicas (SCHWARCZ, 2001) e critérios subjetivos, ideológicos e de *status* social (D’ADESKY, 2005). Tendo isto em mente, nada mais ambíguo e vago do que adotar critérios classificatórios como “moreno” (ANDREWS, 1998), que tem inúmeros significados e que ora pode estar mais próximo do branco, ora do negro. De todo modo, é perceptível a sua hesitação ao afirmar a cor da sua “tez”. Registrando isso logo no início da sua história de vida, ele chama a atenção do leitor para reter essa informação e levá-la em consideração pelo resto da sua narrativa.

Curiosamente, essa mesma estratégia foi utilizada por Luiz Onofre Meira: “Eu nasci no interior do Rio Grande do Sul, em Bagé, em 1949. A minha família também tem origem negra... Quer dizer, o meu pai era filho de português com uma negra, a minha avó. Até por isso, tenho o sobrenome Meira, que representa essa situação.”. Nota-se que, como a afirmação sobre a origem étnica dos antepassados era muito forte, dada a brancura da sua pele e a falta de traços negroides, o colaborador trata logo de se explicar dizendo que apenas uma de suas avós era negra.

Independentemente de Sérgio Grillo e Luiz Onofre Meira terem ou não ascendência negra em algum dos seus familiares passados, as falas posteriores de ambos mostram-nos que eles não se sentem identificados etnicamente como negros. Embora ambos tenham preelaborado um discurso de valorização dos negros e da contribuição destes para a história do Brasil, deixam transparecer no decorrer das entrevistas os seus reais pensamentos e sentimentos quanto a esta parcela da população e ao fenômeno do racismo. Em outras palavras, tecem críticas e evidenciam estereótipos preconceituosos sobre os afrodescendentes, e tentam amenizar as discriminações raciais cometidas por indivíduos ligados aos seus clubes de futebol.

Certamente, se as entrevistas tivessem sido feitas dentro dos moldes do jornalismo, seria muito mais fácil para eles ludibriarem o entrevistador e os leitores a partir de respostas prontas. No entanto, como se tratava de entrevistas de história de

vida, os dirigentes se viram na situação de terem que falar sobre suas experiências, memórias e histórias, numa construção narrativa que expôs as suas idiossincrasias.

Luiz Onofre Meira também aborda as suas atividades profissionais desenvolvidas fora do futebol:

Negros no futebol brasileiro

Racismo no futebol brasileiro

Considerações finais

A partir do destaque de alguns temas presentes nas narrativas de Sérgio Grillo, Benecy Queiroz e Luiz Onofre Meira, procurei trazer ao leitor olhares e experiências de três dirigentes brancos que atuam no futebol brasileiro desde a década de 1970, explorando, quando possível, as convergências e as divergências de pontos de vista. Buscou-se elaborar algumas análises e reflexões sobre as relações raciais no Brasil, usando, para tanto, uma bibliografia consagrada.

Certamente, grande parte da riqueza da história oral está justamente em possibilitar o registro de histórias e memórias de pessoas comuns (como por exemplo: mulheres, refugiados, imigrantes e negros), as quais por muito tempo não tiveram seus discursos contemplados pela historiografia, sendo, pois, esquecidos ou silenciados. Ao ouvir, dar atenção, validar, tomar nota e permitir a análise de pensamentos, sentimentos e experiências dos entrevistados, a história oral abre-se como um canal de denúncias e demandas públicas. Dá, também, acesso a um conjunto de elementos objetivos e, sobretudo, subjetivos (experiências, sentimentos, visões de mundo, silêncios, omissões, distorções, mentiras etc.) que não é encontrado nas fontes tradicionais de pesquisa. Nesse sentido, a história de vida apresenta-se como um instrumento privilegiado e possibilita-nos uma compreensão subjetiva de um determinado processo histórico à luz dos seus próprios sujeitos.

Entrevistas

Sérgio Grillo. Dirigente de futebol do Esporte Clube Juventude (ex-vice presidente administrativo e financeiro). Entrevista realizada em 16 de setembro de 2009, Caxias do Sul-RS.

Benecy Queiroz. Dirigente de futebol do Cruzeiro Esporte Clube (supervisor de futebol). Entrevista realizada em 25 de setembro de 2009, Barueri-SP.

Luiz Onofre Meira. Dirigente de futebol do Grêmio Foot Ball Porto Alegre (ex-vice diretor de futebol). Entrevista realizada em 31 de outubro de 2009, São Paulo-SP.

Referências bibliográficas

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo, (1888-1988)**. Bauru: EDUSC, 1998.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)**. São Paulo: IBRASA, 1990.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multi-culturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

DAMO, Arlei Sander. Os racismos no esporte. In: GOMBERG, Estélio; MANDARINO, Ana Cristina de Souza (Org.). **Racismos**. Salvador: EDUFBA, 2008. (no prelo).

_____. **Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 5 ed. São Paulo: Global, 2008. 2 v.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003 [1947 e 1964].

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRY, Peter. **A persistência da raça**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GORDON JÚNIOR, Cesar. “Eu já fui preto e sei o que é isso”: história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, Eduerj, n. 3/4, p. 65-78, 1996. Futebol: síntese da vida brasileira.

_____. História social dos negros no futebol brasileiro: primeiro tempo: “essa maravilhosa obra de arte fruto da mistura”. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, Eduerj, n. 2, p. 71-90, 1995. Futebol e cultura brasileira.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2005.

_____. **Preconceito e discriminação**. São Paulo: Ed. 34, 2004.

_____. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2 ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HELAL, Ronaldo; GORDON JÚNIOR, César. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 23, 1999.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 7, n. 11, p. 144-161, jul. 1999.

KAMEL, Ali. **Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MAGNOLI, Demétrio. **Uma gota de sangue: história do pensamento racial**. São Paulo: Contexto, 2009.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 141-158, out. 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 3-15, 1999.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva/Edusp; Campinas: Ed. da Unicamp, 1993 [1956].

SANTOS, Gevanilda; SILVA, Maria Palmira da (Org.). **Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI**. São Paulo: Ed. da Fundação Perseu Abramo, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

VIEIRA, José Jairo. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, n. 42-43, p. 221-244, jan./jul. 2003.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.